



CARTILHA PARA USO DE DADOS RACIAIS NA COBERTURA JORNALÍSTICA



SUMÁRIO

Introdução	03
Conheça o CEDRA	05
Dados raciais e jornalismo	07
Consciência racial na cobertura jornalística	11
Recomendações práticas do CEDRA a jornalistas	13
Exemplos de matérias com dados do CEDRA	17
Fontes para pautas	20
Data e efemérides	22

INTRODUÇÃO

A cobertura jornalística, quando utiliza dados raciais, potencializa a compreensão das dinâmicas sociais brasileiras. Esse uso de dados extrapola os limites de editorias específicas, uma vez que a desigualdade racial também está presente em perspectivas sociais, políticas, econômicas e culturais no país.

A desigualdade racial atravessa de maneira estrutural e interseccional todas as esferas da sociedade, o que por sua vez reflete assimetrias históricas na educação, na política, na economia, na saúde pública e na cultura. Reportar e permitir a análise de cenários sob essa ótica permite que redações ultrapassem a comum superficialidade de números divulgados em pesquisas e levantamentos gerais, e passem a revelar as disparidades que podem estar ocultas, mas que existem e alcançam a maioria da população, que é negra.

No contexto de políticas públicas, por exemplo, utilizar dados raciais possibilita identificar quem de fato se beneficia de avanços que ocorrem nesse campo e quem permanece à margem do desenvolvimento que grandes números podem demonstrar.

Sem o componente racial no processo de apuração jornalística, a cobertura da realidade se

torna parcial e desconectada das raízes de grandes problemas do país. Para contribuir com um trabalho jornalístico mais completo e baseado em análises e dados, o CEDRA, por meio de sua plataforma, compila e destaca indicadores variados que podem ser observados de maneira individualizada ou em cruzamento com outros levantamentos.

Ao analisar destaques, gráficos e planilhas produzidas a partir de bases oficiais de dados, profissionais de imprensa encontram evidências de que a cor da pele influencia aspectos como o acesso a direitos básicos, a remuneração no mercado de trabalho e a qualidade de vida nos centros urbanos.

Desenvolvemos esta cartilha para ser utilizada como um material de apoio a jornalistas, que poderão observar a importância do uso de dados raciais na cobertura jornalística, conferir recomendações para aprimorar a apuração de reportagens sob a perspectiva da desigualdade racial, bem como acessar um banco de fontes do CEDRA para pautas e, também, uma lista de datas e efemérides que inspiram a criação de reportagens.

Desejamos que a cartilha seja utilizada e compartilhada, para que cada vez mais profissionais possam sempre considerar os dados raciais como tema essencial para que o trabalho jornalístico reflita a realidade brasileira.

CONHEÇA O CEDRA

Somos uma associação independente e apartidária que agrega pensadores da questão racial, especialistas em ciência de dados, estatísticos, economistas e cientistas sociais reunidos para destacar, das estatísticas oficiais, dados que possibilitem o aprofundamento das análises sobre a desigualdade racial no Brasil.

Produzimos conhecimentos baseados em evidências e disponibilizamos, de maneira ampla e gratuita, em uma plataforma tecnológica, dados sobre renda, habitação, saúde, violência, educação, entre outros temas, analisados pelo critério de cor/raça da população brasileira.

Buscamos os dados nas fontes estatísticas oficiais do governo brasileiro, como o IBGE, MEC e Inep. Cruzamos estes dados que nunca foram explorados dessa forma, analisamos, traduzimos em uma linguagem acessível e descomplicada para que todas as pessoas possam compreender as desigualdades de condições de vida entre as pessoas negras e não negras no Brasil. A partir destes bancos de dados, produzimos informações de qualidade para ajudar as pessoas a refletir sobre as desigualdades raciais em nosso país.

Disponibilizamos dados estatísticos oficiais e informações de qualidade que comprovam que a imensa desigualdade do nosso país é um

problema complexo, social e coletivo, não apenas comportamental e individual.

Cruzamos estes dados, muitas vezes de maneira inédita, analisamos, traduzimos em uma linguagem acessível e descomplicada. Produzimos conhecimentos que serão disponibilizados, de maneira ampla e gratuita, em uma plataforma tecnológica, e divulgamos dados sobre renda, habitação, saúde, educação, entre outros temas. Todos eles são analisados a partir da classificação de cor/raça e sexo da população brasileira, para que todas as pessoas possam compreender as injustas disparidades entre as condições de vida das pessoas negras e brancas no Brasil.

A naturalização das desigualdades sociais tem sido confortável para indivíduos e instituições e é um dos pilares da manutenção dos privilégios de uma minoria em detrimento de uma vida digna para a grande maioria da população. Acreditamos que é necessário questionar essas desigualdades, por isso problematizamos e buscamos respostas nas estatísticas oficiais.

Essas desigualdades não são casos isolados em que constatamos diferenças de renda, escolaridade ou outro indicador social entre uma pessoa e outra. Os dados analisados indicam que a característica de cor/raça incide diretamente nos indicadores de desigualdades na nossa sociedade, reflexo de 350 anos de escravidão, interdições de direitos no período pós abolição e do racismo forjado a partir desse histórico de hierarquização e subordinação.

A plataforma oferece insumos para o aprofundamento das análises e reflexões em busca de soluções para um dos principais gargalos da nossa sociedade: a desigualdade racial.

DADOS RACIAIS E JORNALISMO

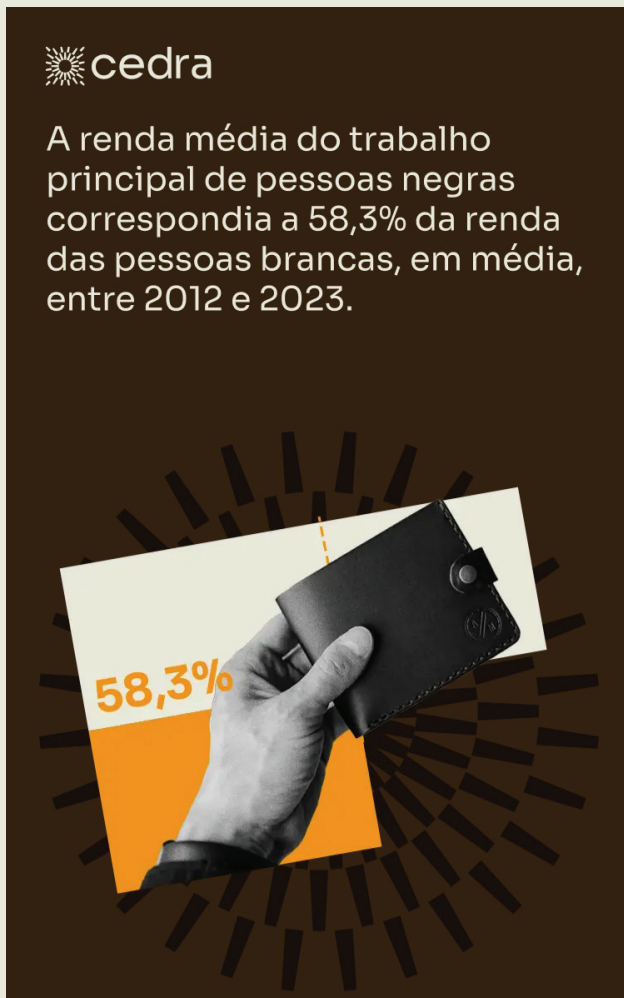
Quando falamos no uso de dados no contexto jornalístico, percebe-se um padrão em pautas e reportagens: reportam-se panoramas absolutos, médias e grandes números. No entanto, o cruzamento de variáveis sociodemográficas permite apresentar ao público novas formas de ler dados e, principalmente, detectar as desigualdades que podem estar ofuscadas por aparentes avanços sociais.

Nas editorias de economia e trabalho, por exemplo, pautas frequentes celebram a queda nas taxas gerais de desemprego ou o aumento médio da renda per capita. Sem o devido escrutínio analítico, profissionais da imprensa correm o risco de induzir o público a entender que o país está em um cenário de equidade. Contudo, a aplicação do recorte racial e de gênero sobre essas mesmas bases de dados tende a expor uma realidade diferente, especialmente para a população negra.

Dados compilados pelo CEDRA, por exemplo, evidenciam que cenários de recuperação econômica e acesso a postos de trabalho formais, com salários competitivos, ocorrem em ritmos drasticamente diferentes para pessoas brancas e pessoas negras.

Um exemplo pode ser visto quando o assunto é renda. Entre 2012 e 2023, a renda média do

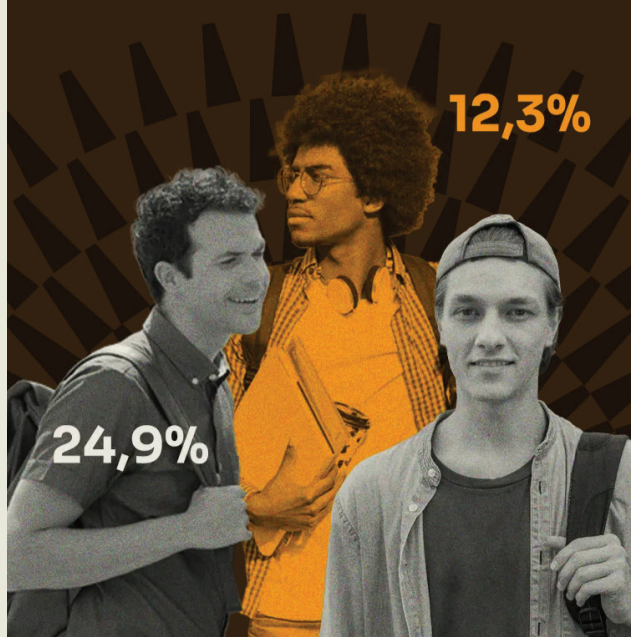
trabalho principal da população cresceu, de acordo com dados da PNAD Contínua. Porém, o recorte racial mostra que as pessoas negras recebiam em 2023 o equivalente a 58,3% da renda das pessoas brancas.



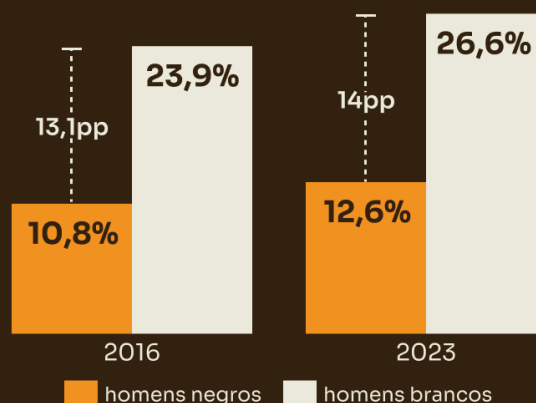
No acesso ao ensino superior, o panorama geral aponta para um aumento expressivo e constante nas taxas de matrículas ao longo das últimas décadas. O acesso às universidades, embora tenha melhorado de maneira geral, continua em patamares muito menores para o homem negro, em contraste com os índices registrados por homens brancos.



A presença de homens brancos de 18 a 24 anos no Ensino Superior foi o dobro da presença de homens negros, em média, entre 2016 e 2023.



Em 2016, entre os homens brancos de 18 a 24 anos, 23,9% estavam no Ensino Superior e entre os negros apenas, 10,8%. Em 2023, os brancos passaram a 26,6% e os negros para 12,6%. A diferença, desfavorável aos estudantes negros, ampliou de 13,1 pontos percentuais (p.p.) em 2016 para 14,9 p.p. em 2023, permanecendo expressiva.



Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc). Elaborado pelo CEDRA.

Dessa maneira, o jornalismo precisa destacar essas nuances e desigualdades raciais para que os conteúdos reflitam a realidade, especialmente aquela de grupos historicamente marginalizados.

Essa mesma lógica se aplica às mais diversas coberturas. O Cedra disponibiliza dados, análises e estudos nos eixos de:

- Escolaridade;
- Renda;
- Domicílios;
- Trabalho;
- Saúde;
- População.

Além disso, a plataforma traz informações com foco em lei de cotas, mulheres negras e juventude, para que as informações possam ser afuniladas e, principalmente, cruzadas com outras análises e leituras.

Uma das possibilidades para jornalistas está em utilizar a plataforma do Cedra para buscar recortes inéditos e exclusividades de pauta. No lugar de aguardar a divulgação de relatórios prontos pelos órgãos governamentais, as redações podem cruzar variáveis independentes na plataforma para descobrir tendências.

Ao mesmo tempo, equipes frequentemente esbarram na indisponibilidade ou na desatualização de microdados abertos. A lentidão na liberação por parte dos órgãos governamentais ocorre por uma série de fatores, desde processos de anonimização de informações sensíveis até barreiras burocráticas na consolidação dos censos. Por isso, é necessário compreender que a eventual ausência temporária de microdados recentes para determinados recortes específicos na plataforma não desabona nem invalida a avaliação das tendências de longo prazo elaboradas pelo Cedra.

**CONSCIÊNCIA
RACIAL NA
COBERTURA
JORNALÍSTICA**

O jornalismo também exige o desenvolvimento contínuo de um olhar crítico e apurado sobre os números. Ao avaliar relatórios de órgãos oficiais, independentemente do tema, a primeira pergunta deve ser: essas melhorias apontadas nas grandes pesquisas ocorreram de maneira equitativa para todos os grupos demográficos ao longo do tempo? As médias estatísticas podem mascarar abismos sociais.

Noticiar que os índices de criminalidade caíram em um estado, ou que a nota média em Língua Portuguesa de um município no Saeb subiu, sem investigar qual grupo populacional pode ter sido excluído desse índice, faz com que a notícia seja parcial e, eventualmente, desconsidere a realidade de parcela importante daquela população.

Ao mesmo tempo, é necessário ter sensibilidade e consciência racial na cobertura jornalística. É notório, por exemplo, que diversas publicações e especialistas alertam para as vulnerabilidades enfrentadas por crianças negras no ambiente escolar, com altos índices de evasão escolar e distorção idade-série.

Contudo, ao reportar essas desvantagens, o texto jornalístico exige cautela: é fundamental evidenciar os obstáculos, mas sem reforçar estigmas, estereótipos ou culpabilizar a população

negra por indicadores. O texto pode, por exemplo, demonstrar que a responsabilidade dessa situação está na ineficiência ou ausência de políticas públicas. A linguagem empregada na redação pode ser uma ferramenta de denúncia do racismo institucional.

Uma sugestão consiste em deslocar o foco da cobertura: em vez de analisar os resultados finais (outputs), é possível investigar as condições estruturais prévias (inputs). As assimetrias sociais, educacionais e econômicas começam muito antes da divulgação de um índice de desempenho ou de um censo de mortalidade. Já o foco excessivo no resultado tende a criar uma narrativa incompleta.

Na editoria de educação, por exemplo, o foco na nota do IDEB de uma escola pode ser complementado pela observação do nível socioeconômico da escola, a ausência de bibliotecas, a infraestrutura precária e a falta de professores com formação adequada em escolas localizadas em bairros predominantemente negros, por exemplo.

Com isso, a cobertura também destaca o papel do Estado, no lugar de apenas abordar a consequência final da ausência ou presença governamental.

O trabalho jornalístico se torna um grande aliado da luta antirracista ao ter sensibilidade para não estigmatizar, ao mesmo tempo em que observa as intersecções entre raça e outros elementos da cobertura jornalística.

RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS DO CEDRA A JORNALISTAS

O dado estatístico como ponto de partida

Os dados produzidos pelo CEDRA utilizam bases oficiais — como PNADc, Censo Escolar, Censo da Educação Superior, PNS, PeNSE e SINASC — para identificar e dimensionar as distâncias entre a população negra e a não negra. O uso qualificado da estatística propicia uma apuração analítica que supera o mero acúmulo de números.

O valor noticioso do “silêncio estatístico”

A ausência de dados atualizados ou o atraso burocrático de órgãos públicos na liberação de microdados não inviabilizam a pauta. Pelo contrário, podem ser excelentes ganchos de reportagem para denunciar a invisibilidade estatística sem prejuízo da análise de tendências de longo prazo. Os dados divulgados na plataforma são os mais recentes e isso é importante frisar para justificar a pauta.

Para além do lançamento

A cada nova leva de dados sistematizados e analisados, o CEDRA promove uma divulgação exclusiva para a imprensa (seja por meio de workshops para jornalistas, seja por meio do sistema de embargo).

Aqui vale uma recomendação importante: o lançamento do conjunto de dados é pauta e precisa ser divulgado. Mas, justamente por conta da complexidade e abrangência dos números, um olhar específico para um único indicador pode, muitas vezes, ser mais impactante e revelador. Exemplo: Em 2010, cerca de 66% dos domicílios com responsáveis negros não possuíam máquina de lavar. Nos domicílios com responsáveis brancos, a proporção sem o eletrodoméstico era bem menor, 39,2%.

Construção do “fato novo” e valor jornalístico

Para extrair ganchos atrativos e evitar abordagens genéricas, utilize estratégias como a identificação de tendências (os números produzidos pelo CEDRA permitem identificar em indicadores específicos se as desigualdades raciais estão em processo de convergência ou de alargamento ao longo do tempo).

Superação das médias gerais

As médias estatísticas costumam funcionar como ferramentas de invisibilidade. Enquanto indicadores gerais de renda indicam recuperação, por exemplo, os dados mostram que a população negra recebia apenas 58,3% da renda das pessoas brancas em 2023. Da mesma forma, o crescimento global no ensino superior esconde o fato de que o ingresso e a permanência de homens negros continuam em patamares significativamente inferiores aos de homens brancos.

Dado + personagem

Dê dimensão concreta aos números trazendo trajetórias reais, retratando pessoas negras com resiliência e potência, sem reduzi-las à dor ou à vulnerabilidade. Exemplo: em 2020, 31,1% das gestantes negras tiveram um pré-natal inadequado, intermediário ou ausente, contra 18,1% entre as mulheres brancas. É um dado que marca a

desigualdade racial desde a concepção e que, se concretizado por meio de uma história real, pode gerar um efeito narrativo bastante revelador.

Cuidado com estigmas e vieses

As desigualdades raciais no Brasil são latentes, mas isso pode parecer abstrato para a maioria das pessoas. Mais do que encontrar personagens e histórias que reforcem estigmas, é importante apresentar análises críticas (idealmente formuladas por especialistas com experiência na área) sobre essa realidade e sobre os dados.

Escalonamento e recortes regionais

Conecte microdados municipais a indicadores macroestruturais para demonstrar que uma desigualdade local reflete ou desafia um padrão nacional. Evite focar a cobertura apenas no eixo Rio-São Paulo e explore os contrastes das regiões:

Sul: Mesmo com mais pessoas chegando ao Ensino Superior, a desigualdade racial segue crescendo no Rio Grande do Sul.

Norte: O CEDRA e o Instituto Água e Saneamento desenvolveram um estudo sobre saneamento nas escolas brasileiras que revela dados alarmantes sobre a infraestrutura escolar. A pesquisa escancara o racismo estrutural e o isolamento geográfico que afetam gravemente a Região Amazônica (especialmente as populações negra, indígena e comunidades tradicionais).

Alerta legislativo: Observe eventos estaduais específicos (como a recente tentativa de suspensão da Lei de Cotas em Santa Catarina) como um alerta de tendências para o restante do país. Uma pauta como essa não precisa ficar restrita aos veículos da região, tem apelo nacional e é de interesse público.

Jornalismo de soluções

É fundamental atestar a realidade, apresentar diagnósticos calcados em dados e evidências. Mas é importante também ir além, questionar as soluções, apresentar caminhos possíveis. A falta de perspectivas pode desmobilizar leitores e os próprios editores dos veículos. Os avanços podem estimular novos avanços e apontar para a velocidade necessária para uma efetiva reparação histórica.

Porta-vozes do CEDRA

As trajetórias pessoais e profissionais do corpo diretor e dos conselheiros do CEDRA, por si só, justificam reportagens especiais, entrevistas exclusivas ou o depoimento (aspa) que pode contribuir com uma matéria em construção cuja temática dialogue com as questões raciais. Análises estatísticas, demográficas, econômicas e de políticas públicas de forma geral podem ser embasadas pelos dados que atestam as desigualdades raciais de forma transversal e perene.

EXEMPLOS DE MATÉRIAS COM DADOS DO CEDRA

Diferentes reportagens utilizam dados do Cedra para dar enfoque a desigualdades raciais no campo de renda, trabalho e educação, além de outras áreas. Veículos locais ou especializados também utilizam as informações da plataforma e análises do Conselho Deliberativo para as pautas.

Leia mais em: cedra.org.br/clipping/

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★

Trabalho doméstico está entre profissões que pagam mais para brancas do que para negras

Entre 2012 e 2022, renda média de faxineiras, cozinheiras e babás pretas e pardas era 86,1% da de brancas

SÃO PAULO A renda média de faxineiras, cozinheiras e babás negras correspondia a 86,1% do ganho das profissionais brancas entre 2012 e 2022. Ainda que tenha em sua maioria [mulheres negras](#), o trabalho doméstico está entre as [profissões que pagam mais para brancos do que para pretos e pardos](#).

A desigualdade salarial se agravou ao longo dos anos e mulheres negras passaram a ganhar ainda menos do que brancas, segundo levantamento divulgado nesta sexta-feira (21), Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, pelo Cedra ([Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais](#)).



EDUCAÇÃO

Ao vivo

Política

Money

WW

Agro

Infra

IA

Esportes

Desigualdade educacional entre negros e brancos persiste apesar de avanços

Estudo do Cedra revela progressos na escolarização, mas mostra que a equiparação com brancos ainda levará gerações

Tatiana Cavalcanti, colaboração para a CNN Brasil

25/11/25 às 00:03 | Atualizado 25/11/25 às 08:23

O estudo, divulgado nesta terça-feira (25), reúne 31 indicadores inéditos sobre a evolução da escolaridade de pessoas negras no Brasil entre 2012 e 2023.

Segundo o Cedra, políticas afirmativas, como a [Lei de Cotas](#), contribuíram de forma decisiva para ampliar a presença de estudantes negros no ensino superior.

A taxa de [conclusão universitária](#) entre mulheres negras acima de 25 anos passou de 7,9% em 2012 para 14,9% em 2023. Entre homens negros, o índice subiu de 5,3% para 11,2%. Apesar do avanço, a distância em relação aos brancos aumentou no período: mulheres brancas chegaram a 30,3% e homens brancos a 25,9%.

A disparidade também aparece nas etapas anteriores. Em 2023, 33,2% das pessoas negras acima de 15 anos ainda estavam sem instrução ou com o

GZH

ZEROHORA

Estudo revela contrastes na trajetória escolar de jovens negros e brancos no Ensino Médio no RS

Dados apontam, entre outros pontos, que estudantes pretos e pardos alcançaram 70,8% de aprovação em 2019, enquanto a taxa entre os brancos foi de 81%

03/01/2024 - 18h00min
Atualizado em 03/01/2024 - 21h16min

COMPARTILHAR

Adicione GZH como fonte preferencial no Google



SOFIA LUNGUI

[Enviar email](#)

[Ver perfil](#)

Apesar dos avanços dos últimos anos, persiste a desigualdade na educação do país em termos raciais. No Rio Grande do Sul, o cenário é ainda mais preocupante, como mostra pesquisa do Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais (Cedra). Conforme levantamento feito por GZH para obter os dados do RS, em 2019, estudantes pretos e pardos alcançaram índices de desempenho no Ensino Médio semelhantes aos que brancos tinham em 2010.



FONTES PARA PAUTAS



CRISTINA LOPES

Diretora Executiva do CEDRA

Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri. Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com especialização em História da África e do Negro no Brasil pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Candido Mendes. Estudou Sociologia na School of Social Sciences da Dillard University, em Nova Orleans, nos Estados Unidos. Foi pesquisadora do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), onde publicou a cartilha “Cotas Raciais, por que sim?” e gerente de Programa no Fundo Baobá para Equidade Racial.



HELIO SANTOS

Presidente do Conselho Deliberativo

Professor, doutor em Administração pela USP. Coordenou nos anos 1990 no âmbito do governo federal um grupo precursor que colocou na agenda pública as políticas de ação afirmativa (Políticas de Cotas) para a população negra.



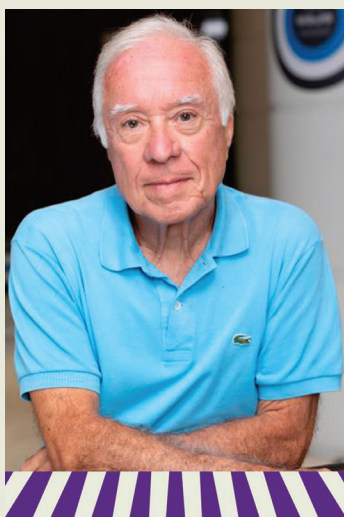
MARCELO TRAGTENBERG

Integrante do Conselho Deliberativo

Realizou bacharelado e licenciatura na USP. Defendeu mestrado e doutorado em Física Estatística na USP. Fez estágio pós-doutoral na Universidade de Oxford. É membro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa do CNPq. Pesquisa nas áreas de sistemas magnéticos com desordem e modulados, econofísica, neurociência computacional, ensino de física e ações afirmativas.

**WANIA SANT'ANNA****Integrante do Conselho Deliberativo**

Historiadora e pesquisadora de relações raciais e de gênero. Possui doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro; é presidenta do Conselho de Governança do IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e colunista do Congresso em Foco. Foi secretária de Direitos Humanos do estado do Rio de Janeiro.

**EDUARDO PEREIRA NUNES****Integrante do Conselho Deliberativo**

Economista. Graduado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor em Ciência Econômica pela Unicamp, professor titular da Universidade Cândido Mendes. Foi presidente do IBGE entre 2003 e 2011, onde atuou como economista desde 1980. Foi professor de Economia do MBA-FGV (1999-2020) e autor de vários trabalhos publicados sobre contas nacionais do país, estatísticas econômicas e sociais.

Assessoria de Imprensa: LNera

Luanda Nera

luanda@lneracomunica.com.br (11) 99320-3726

Sara Puerta

sara@lneracomunica.com.br (11) 99827-9651

DATAS E EFEMÉRIDES

JANEIRO	04 Dia Mundial do Braille 21 Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa 24 Dia Internacional da Educação 29 Dia Nacional da Visibilidade Trans
FEVEREIRO	11 Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência 20 Dia Mundial da Justiça Social 24 Conquista do Voto Feminino no Brasil (Promulgação do Código Eleitoral de 1932)
MARÇO	01 Dia de Zero Discriminação 08 Dia Internacional das Mulheres 21 Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial
ABRIL	02 Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo 07 Dia Mundial da Saúde 19 Dia dos Povos Indígenas 28 Dia Mundial da Segurança e Saúde no Trabalho
MAIO	13 Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo 15 Dia Internacional das Famílias 17 Dia Internacional contra a Homofobia, Transfobia e Bifobia 18 Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes 22 Dia Internacional da Biodiversidade
JUNHO	05 Dia Mundial do Meio Ambiente 12 Dia Mundial contra o Trabalho Infantil 20 Dia Mundial do Refugiado 28 Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAP+

JULHO	03 Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial 18 Dia Internacional Nelson Mandela 25 Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha/ Dia Nacional de Tereza de Benguela) 28 Dia Mundial de Conservação da Natureza
AGOSTO	05 Dia Nacional da Saúde 07 Sanção da Lei Maria da Penha 09 Dia Internacional dos Povos Indígenas 11 Dia do Estudante 12 Dia Internacional da Juventude 29 Dia Nacional da Visibilidade Lésbica / Aniv. da Lei de Cotas
SETEMBRO	08 Dia Internacional da Alfabetização 18 Dia Internacional da Igualdade Salarial 21 Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência / Dia da Árvore 23 Dia Internacional das Línguas de Sinais
OUTUBRO	01 Dia Internacional das Pessoas Idosas 10 Dia Mundial da Saúde Mental 15 Dia do Professor 16 Dia Mundial da Alimentação 17 Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza
NOVEMBRO	05 Dia Nacional da Cultura e da Ciência 16 Dia Internacional para a Tolerância 20 Dia Nac. da Consciência Negra / Dia da Memória Transgênero 25 Dia Int. pela Eliminação da Violência contra as Mulheres
DEZEMBRO	01 Dia Mundial de Combate à AIDS 02 Dia Internacional para a Abolição da Escravatura 03 Dia Internacional das Pessoas com Deficiência 05 Dia Mundial do Solo 10 Dia Internacional dos Direitos Humanos 18 Dia Internacional dos Migrantes 29 Dia da Biodiversidade Tropical



cedra